

## **Registros coloniais inscritos nos mapas da antiga Vila de Igarassu, Pernambuco**

**Taciana Santiago de Melo**

Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem - Bolsista PIBIC/CNPq - Arquitetura e Urbanismo pela UFAL

[tate\\_santiago@hotmail.com](mailto:tate_santiago@hotmail.com)

### **RESUMO**

A primeira povoação da capitania de Pernambuco, a Vila de Santa Cruz e dos Santos Cosme e Damião de Igarassu foi fundada em 1535 por Afonso Gonçalves ordenado pelo donatário Duarte Coelho. A região foi palco de disputas entre portugueses e indígenas pela posse da terra, luta que teve como marco a igreja de São Cosme e Damião instalada no alto de um morro que veio a ser o referencial para a expansão da vila. A invasão holandesa no século XVII trouxe destruição, mas ao mesmo tempo possibilitou a passagem do pintor holandês Frans Post que fez vários registros iconográficos do núcleo urbano da antiga vila. Tendo em vista a importância de Igarassu para o desenvolvimento da Capitania de Pernambuco, este artigo visa apresentar os resultados de um estudo do desenho urbano deste antigo núcleo colonial, indagando sobre os princípios que nortearam seu surgimento e expansão, e sobre os primeiros elementos que se manifestaram na paisagem colonial de Igarassu nos séculos XVI e XVII. As pinturas de Post, juntamente com mapas de Albernaz serão comparados à iconografia atual para assim se compreender as mudanças e permanências no traçado urbano e na paisagem da cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Igarassu, paisagem colonial, desenho urbano, história do Brasil.

### **ABSTRACT**

The first urban settlement of Pernambuco, the town of “Santa Cruz e dos Santos Cosme e Damião de Igarassu”, was founded in 1535 by Afonso Gonçalves ordered by the governor Duarte Coelho. The place was scene of a dispute between the Portuguese and the native Americans over the land ownership, that was marked by the establishment of the São Cosme e Damião church on top of a hill that became the benchmark for the expansion of the town. The Dutch invasion in the seventeenth century brought destruction, but at the same time allowed the arrival of the Dutch painter Frans Post that made several iconography records of the urban settlement of the town. Since Igarassu was so important for the development of Pernambuco, the main of this article is to study the urban design of this colonial town, enquiring into the principles that guided its establishment and expansion and into the first elements of the landscape of Igarassu during the sixteenth and seventeenth century. The paintings of Post and the maps of Albernaz will be compared with the current iconography to make possible the understanding of changes and continuities in the urban design and in the landscape of the city.

**KEYWORDS:** Igarassu; Colonial landscape; Urban design; Brazilian History.

## I - A FUNDAÇÃO E O PERFIL DA VILA DE SÃO COSME E DAMIÃO

Durante as primeiras décadas que sucederam o descobrimento do Brasil a Coroa Portuguesa demonstrou pouco interesse em ocupar de imediato as novas terras, já que o comércio na região das Índias parecia ser mais lucrativo que a ocupação de um novo e grande território. A aparente ausência de pedras preciosas na Terra de Santa Cruz também inibiu um primeiro esforço de consolidação da colonização do lugar.

Neste período, a ocupação do território brasileiro se deu por meio de feitorias, “simples entrepostos de comércio predominantemente de pau-brasil, que se sabe terem existido ao longo da costa conhecida.” (SANTOS, 1968, p.71)

As primeiras referências que se tem de Igarassu são de uma feitoria instalada no local por Cristóvão Jacques no ano de 1516, que ainda segundo Santos (1968, p.72) eram pequenos assentamentos constituídos por casas e armazéns pouco estruturados e sem vida social, religiosa e política consolidada. As feitorias não afastaram os invasores estrangeiros, muitos dos quais, como os franceses, mantiveram suas próprias feitorias ao longo da costa brasileira.

Sendo assim, com o objetivo de colonizar definitivamente as terras tupiniquins e protegê-la das constantes visitas de outras nações européias, “impunha-se o estabelecimento de uma forma de economia capaz de garantir ocupação efetiva, e ao mesmo tempo, de auxiliar no custeio dos encargos de defesa.” (REIS FILHO, 2000, p.18). Esse sistema ficou conhecido como capitânicas hereditárias, uma forma descentralizada de administração do território, pela qual a Coroa concedia poderes aos donatários e os mesmos eram encarregados da fundação de vilas, proteção e administração de suas capitânicas.

A capitania de Pernambuco foi concedida a Duarte Coelho que juntamente com sua comitiva travou várias lutas contra os índios pela posse da terra. Após a derrota dos nativos, foi erguida a igreja de São Cosme e Damião como marco da batalha vencida. “Dali deu Duarte Coelho ordem a se fazer vila de Igaracú uma légua pelo rio adentro, do qual tomou o nome, e também se chama a vila de São Cosme e Damião” (SALVADOR, 1982, p.115).

Igarassu foi fundada em 1535 por Afonso Gonçalves ordenado por Duarte Coelho, sendo a primeira vila pernambucana em que o donatário se estabeleceu. A segunda vila fundada na capitania foi Olinda em 1537. Portanto, Igarassu simboliza o marco inicial da ocupação do território pernambucano.

Apesar do valor inicial, a vila de São Cosme e Damião logo perdeu importância para Olinda, fato que pode ser explicado pela proximidade maior desta última com o mar e pelo seu sítio mais alto, facilitando assim trabalhos de defesa e de comércio portuário.

Já no fim do século XVI, Pernambuco era o produtor de açúcar mais importante da colônia e de acordo com Paulo Santos (1968, p.107), Recife era um pobre povoado de pescadores e Olinda era a vila mais rica. Em contraste com Olinda, os habitantes de Igarassu eram “portugueses de condição mais humilde, que viviam das artes mecânicas” (BARLÉU, 1974, p.41). Esse perfil da população da antiga vila também é reforçado por Gonçalves de Mello, que também descreve os moradores da vizinha Ilha de Itamaracá: “os habitantes [de Igarassu] são todos gente pobre, como também na Ilha de Itamaracá, e vivem principalmente de seus ofícios ou para melhor dizer, do trabalho de seus escravos.” (MELLO, 1981, p.43)

A economia açucareira sustentava a então capitania de Pernambuco, que possuía no fim do século XVI 66 engenhos de açúcar, número que passou para 150 em meados do século XVII numa contabilização realizada pelos holandeses. (SANTOS, 1968, p.107). Nesta época, Igarassu contava com 8 engenhos (MELLO, 1981, p.89), o que correspondia a uma pequena parcela perante o total da capitania, reforçando assim a preferência dos colonizadores por outras áreas do território pernambucano, como Olinda.

## II - O CONTEXTO GEOGRÁFICO DA VILA DE IGARASSU: A VISÃO DOS MAPAS

Sobre a antiga capitania de Pernambuco se tem que “é uma das maiores colônias do Brasil, pois tem de costa, entre a foz do S. Francisco e capitania de Itamaracá, 60 léguas” (BARLÉU, 1974, p.40). O rio Igarassu ao norte é o limite da capitania pernambucana separando-a da de Itamaracá.

Os mapas antigos que fazem referência a vila de Igarassu não a retratam de maneira isolada, mas sempre a colocam no contexto geral do território pernambucano ou fazem um recorte da região que compreende a Vila de São Cosme e Damião e a Ilha de Itamaracá. O mapa seiscentista a seguir mostra um trecho da costa brasileira que vai de Cabo de Santo Agostinho em Pernambuco até a Paraíba:

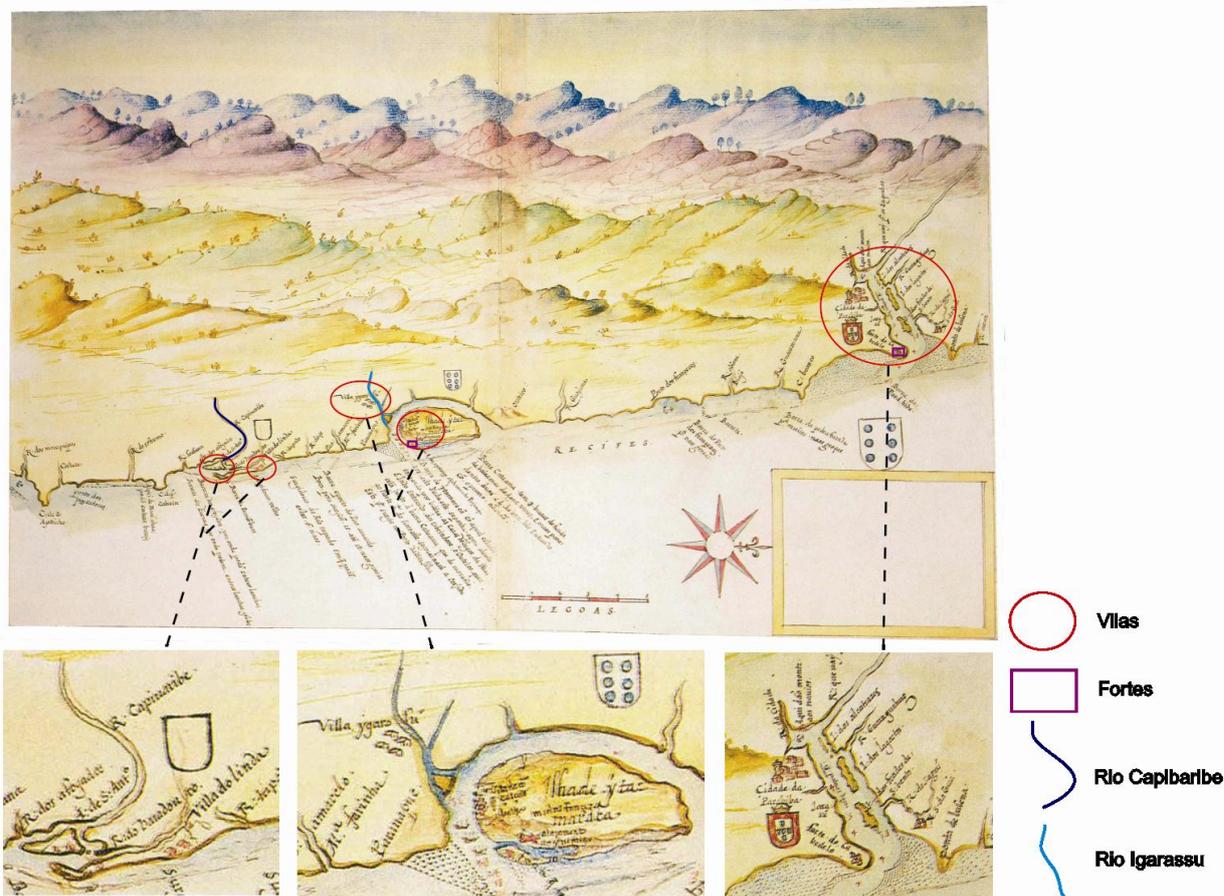


Figura 01: Ilha de Itamaracá e trecho da costa da Paraíba a Pernambuco. Mapa de João Teixeira Albernaz, o velho (fl. 1602-1666). Esquemas da autora.

Através do mapa é possível identificar a representação de algumas vilas como Olinda, Recife, Igarassu, Vila da Conceição (atual Vila Velha) e Cidade da Paraíba (atual João Pessoa). Observa-se que essas povoações se encontram ao longo de grandes rios ou canais (facilitando a comunicação com o continente) e ocupam acidentes geográficos que variam de pequenas penínsulas (atual Cabedelo e Recife) a ilhas (Ilha de Itamaracá e Ilha Antônio Vaz).

A proximidade dos núcleos de Olinda e Recife, assim como de Igarassu com a Ilha de Itamaracá sugere uma interligação entre esses dois blocos de cidade. No segundo caso, a ligação do Rio Igarassu com o Canal de Santa Cruz permite uma comunicação facilitada entre as vilas de São Cosme e Damião e da Conceição.

Em um dos extremos da Ilha de Itamaracá se encontra representado o Forte Orange responsável pela defesa da ilha, do Canal de Santa Cruz e conseqüentemente, da vila de Igarassu. Sendo assim, Itamaracá desempenhará importante função na defesa do território da primeira vila pernambucana.



representada com construções de maior porte, apresentando uma delas dotada de uma torre, o que pode vir a ser a representação de uma igreja.

Fazendo um recorte da costa, a iconografia seguinte representa a Vila da Conceição e a Vila de São Cosme e Damião:

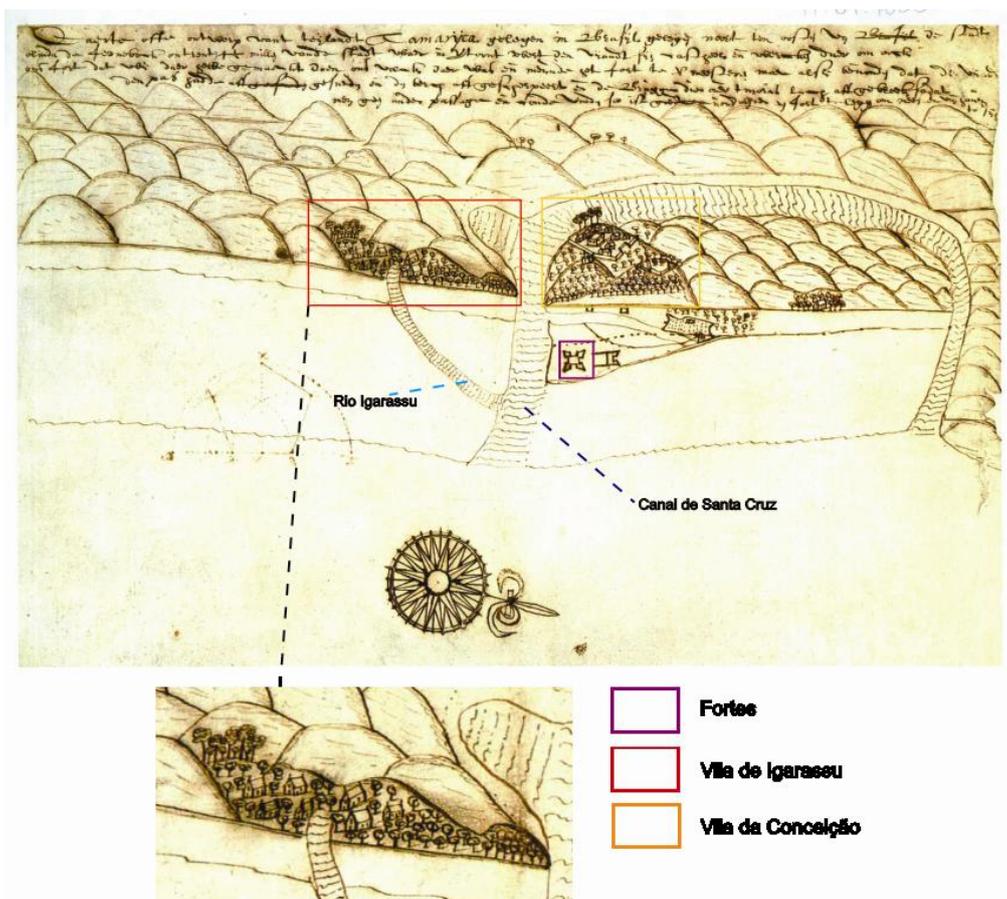


Figura 03: Imagem sem título [Igarassu e Itamaracá]. Autor não identificado. Original manuscrito do Algemeen Rijksarchief, Haia, 1630. Fonte: REIS FILHO, 2000. Esquemas da autora.

Mais uma vez, a atual Vila Velha e Igarassu são mostradas juntas em uma mesma iconografia, fato que reforça a idéia da existência de uma ligação maior entre as duas localidades. O rio Igarassu é representado diretamente conectado ao Canal de Santa Cruz, sendo este o grande meio de comunicação e via de circulação entre as duas vilas. O mapa ainda traz a presença do Forte Orange, cujo posicionamento salienta sua importância na defesa do canal, e na defesa das povoações.

Este foi o único dos mapas analisados que retrata a vegetação abundante existente nas vilas. As edificações representadas para Igarassu aparentam ser de grande porte, possuem formato retangular, telhado com duas águas e janela no andar superior em uma das fachadas, lembrando formatos de igrejas, apesar de não serem identificadas cruzeiras que confirmariam se tratar de templos católicos.

O território do interior do continente se apresenta novamente dotado de relevo acidentado, sob a forma de morros, mas agora com vegetação esparsa e concentrada nos núcleos de povoamento. As duas vilas se apresentam instaladas no alto de morros, sendo que a Vila de Itamaracá é dotada de fortificação, ao passo que a vizinha Igarassu não o é.

Os mapas analisados permitem a observação do entorno da vila de Igarassu, sua configuração no contexto geográfico da capitania e suas relações com os demais povoados pernambucanos. Nenhum dos mapas pesquisados registrou o núcleo urbano da vila, mas referências sobre este serão encontradas nas vistas que Frans Post pintou da localidade durante o século XVII.

### III - AS VISTAS DE FRANS POST E AS MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NA PAISAGEM

Entre os anos de 1630 e 1654, Pernambuco e o Nordeste brasileiro esteve sob o domínio holandês. Com o objetivo de controlar a produção e comercialização do açúcar brasileiro no mercado europeu, os holandeses precisavam deter de partes do território brasileiro. Para isso, empreenderam invasões à colônia portuguesa, começando por Salvador, onde não obtiveram sucesso. Em 1630 invadiram Pernambuco, a rica região produtora de açúcar, e após vários combates, conquistaram as vilas de Olinda e Recife e se estabeleceram definitivamente no território.

Sobre os reflexos da invasão holandesa em Igarassu: “Caíndo, porem, Olinda em nosso poder, até os mais opulentos moradores passaram para Igaracú. Tomaram-na os nossos a 1º de Maio de 1632, incendiando-a e saqueando-a.” (BARLÉU, 1974, p.41).

A ocupação de Pernambuco pelos holandeses no século XVII trouxe destruição para Igarassu. O conjunto arquitetônico português sofreu ataques, e parte de seu material edificado foi saqueado e levado para Olinda, a fim de subsidiar as construções nesta vila.

No entanto, a presença holandesa permitiu a passagem na vila do pintor e paisagista Frans Post, que veio ao Brasil com a comitiva de Maurício de Nassau e foi o primeiro europeu a retratar as paisagens brasileiras. Igarassu consistiu na única vila pernambucana retratada pelo pintor do interior do espaço urbano.

As obras em que Post representa Igarassu são ricas em detalhes e permitem a observação dos aspectos arquitetônicos e urbanísticos da vila, além de elementos naturais como a flora e a fauna do lugar e os tipos

humanos recorrentes no espaço urbano no século XVII. Esses registros consistem, portanto, em um importante acervo documental que revelam as feições de Igarassu no período seiscentista.

É evidente que o aspecto do imaginário do autor também está presente nas paisagens retratadas, já que o pintor procura colocar em uma mesma tela o maior número possível de elementos que se destacam na paisagem da vila, não respeitando muitas vezes o enquadramento e a disposição real dos elementos. Mas esse fato não diminui o potencial das obras de Post de serem utilizadas como documentos imagéticos.

Os estudos iniciais deste trabalho consistiram em um reconhecimento do território através de tentativas de se identificar na obras do pintor elementos ainda presentes na paisagem de Igarassu. A primeira imagem de Post analisada trata-se de uma gravura encontrada no livro de Gaspar Barléu, que além de mostrar uma vista interna do núcleo urbano, traz um brasão da vila no imenso céu característico da obra de Post.

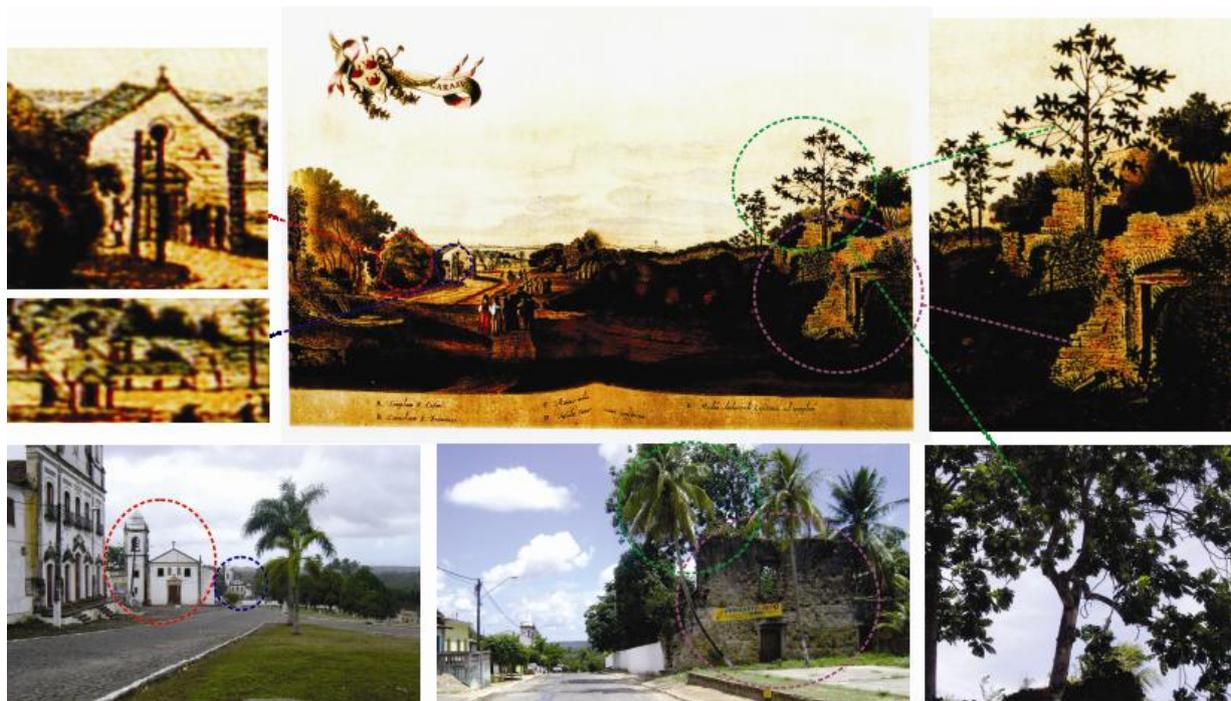


Figura 04: "GARASV", 1637. Gravura de Frans Post do livro de Barléu (1647). Fonte: REIS FILHO, 2000. Esquemas e fotografias da autora, 2011.

A gravura retrata dois importantes marcos arquitetônicos para a vila de Igarassu que ainda estão presentes e se impõem no espaço urbano da atual cidade: a Igreja dos Santos Cosme e Damião, erguida em 1535, sendo a igreja mais antiga ainda remanescente no Brasil, e o convento franciscano de Santo Antônio, datado de 1588, que foi a terceira casa conventual que a Ordem construiu em território brasileiro.

A imagem ainda traz as ruínas de uma construção que permanece nos dias de hoje: durante viagem ao local se observou que se tratava de uma construção de grande porte, com duas aberturas na área central da fachada frontal (uma porta na parte inferior e uma janela na parte superior), e uma pequena porta na lateral da mesma fachada. Ainda foram identificados vestígios de ruínas de pedra ao longo do muro que cerca o lote onde está localizado o vestígio arquitetônico em questão. A estrutura da ruína levanta a possibilidade de se tratar de uma igreja. As construções da antiga vila eram em geral modestas, já que o local abrigava pessoas mais humildes, como já visto anteriormente. A regra a essa exceção eram as igrejas, que acabavam ganhando contornos de destaque na paisagem. Sendo assim, existe a possibilidade de esta ruína se tratar da Igreja da Misericórdia, datada de 1594, que teria recebido o corpo eclesiástico da Inquisição e foi destruída pelos holandeses durante as invasões.

Na gravura de Frans Post se observam que acima das ruínas existem algumas árvores de tronco delgado, folhas lobadas em tom de verde-escuro e dotadas de frutos redondos. Nas imagens atuais da cidade, existem árvores bem semelhantes a retratadas por Post, logo acima de uma ruína. A árvore encontrada hoje no local consiste na *Artocarpus altilis*, a árvore da fruta-pão, cujos frutos se assemelham aos registrados pelo pintor.

Através desta iconografia, pode-se perceber o traçado urbano da antiga vila caracterizado por certa linearidade, porém moldado pela topografia acidentada do terreno. O traçado interligava os edifícios religiosos existentes, evidenciando a influência do religioso no desenho da cidade. O caminho representado pelo pintor de Nassau ainda pode ser encontrado na malha urbana atual de Igarassu.



Figura 05: Quadro de Frans Post retratando Igarassu. Fonte: CORRÊA DO LAGO, 2006. Esquemas e fotografia da autora, 2010.

A imagem anterior volta a registrar os dois principais templos religiosos da vila e também as casas geminadas que procuravam se estabelecer nas proximidades das igrejas. Apesar de as duas grandes construções terem sofrido alterações ao longo do tempo, e de as casas geminadas terem ganhado platibandas que descaracterizam suas feições coloniais (ou podem ter sido novas residências construídas no local das antigas), a disposição dos elementos arquitetônicos parece ter sofrido pouca alteração desde o século XVII. Há ainda na porção esquerda da imagem algumas ruínas, possivelmente no local onde hoje está situada a Igreja e Convento do Sagrado Coração de Jesus.

A freqüência com que essa vista de Igarassu aparece na obra de Post evidencia que esta área, formada pelos adros dos dois edifícios religiosos, teria sido o ponto mais importante da vila, onde se concentrava com freqüência um bom número de pessoas.

A comparação entre as duas imagens revela que o *skyline* da paisagem de Igarassu sofreu poucas alterações. Tanto na tela de Post quanto na fotografia atual, o céu ocupa uma grande porção. Os pontos

mais altos da paisagem permanecem sendo os edifícios religiosos e as linhas orgânicas da vegetação continuam predominando no *skyline* atual. Ainda é possível perceber no fundo do quadro do pintor, o relevo de morros, o mangue e o rio que são permanências naturais na paisagem de Igarassu.

A obra seguinte representa mais uma das vistas de Post em que a Igreja de São Cosme e Damião é pintada. Assim como na obra anterior, uma ruína, proveniente dos ataques e saques holandeses, é mostrada nas proximidades da igreja matriz. Na imagem 06, outra fotografia de Igarassu, tirada em frente à Câmara Municipal de Vereadores, foi utilizada para efeito de experimentação.

É possível observar que há semelhanças entre as duas iconografias da imagem 06, seja na disposição dos elementos arquitetônicos, ou na configuração das massas vegetais, sendo assim, a área em frente à atual Câmara Municipal, é um possível local em que Post poderia ter usado como referência para pintar os seus quadros.

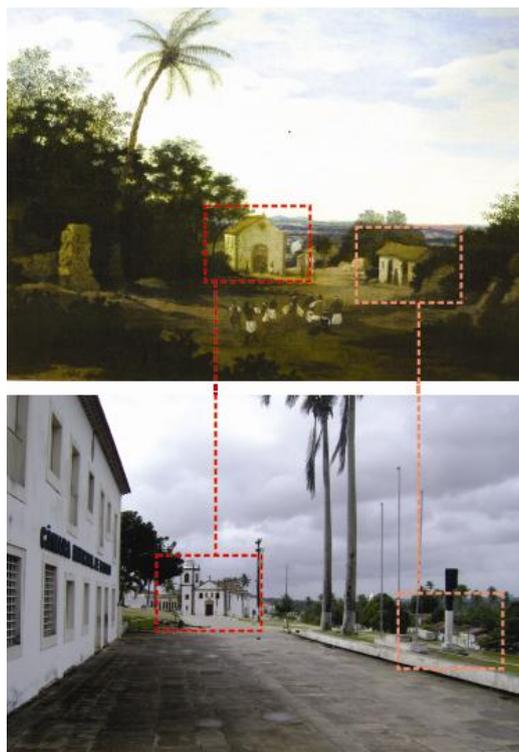


Figura 06: Quadro de Frans Post retratando a Igreja de São Cosme e Damião. Fonte: CORRÊA DO LAGO, 2006. Esquemas e fotografia da autora, 2010.

É possível que a antiga Casa de Câmara e Cadeia, prédio que abrigava as funções administrativas da vila, se localizava no local onde hoje é a Câmara Municipal. O edifício foi destruído na época das invasões holandesas, então se levanta a possibilidade de as ruínas retratadas por Post na imagem anterior corresponderem ao antigo prédio administrativo.

Assim como aconteceu em outros núcleos urbanos importantes da colônia, Igarassu também recebeu, ainda no século XVI, a construção de um convento da Ordem Franciscana, que também teve grande recorrência nas vistas da vila elaboradas pelo pintor de Nassau.

A imponente arquitetura dos conventos franciscanos exercia grande impacto nos núcleos urbanos ainda pouco adensados compostos, em geral, por exemplares arquitetônicos ainda acanhados. A força que hoje os mesmos exercem na paisagem das cidades já bastante adensadas ainda é grande, seja pelo seu grande porte arquitetônico, ou pela posição privilegiada em que eles se localizam dentro do espaço urbano.

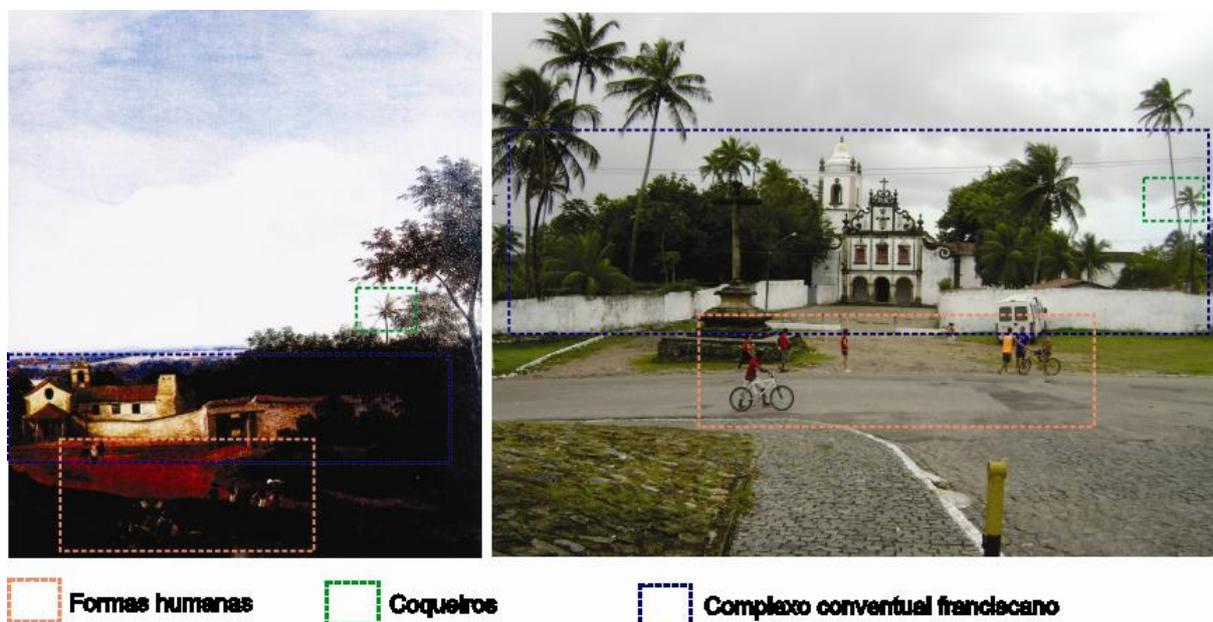


Figura 07: Quadro de Frans Post retratando o convento franciscano. Fonte: CORRÊA DO LAGO, 2006. Esquemas e fotografia da autora, 2010.

As características descritas anteriormente sobre a implantação desses conventos também são encontradas em Igarassu. A paisagem enquadrada por essa construção pouco mudou desde o século XVII, como pode ser visto na imagem 07. O corpo da igreja e da casa conventual ainda permanecem com configuração semelhante, sendo notável apenas a mudança na fachada da igreja, que perdeu o frontão reto, ganhando outro de feições curvilíneas e dotado de volutas.

O muro que cerca o convento e o cinturão verde que o envolve se apresenta de maneira semelhante nas duas iconografias da imagem 07, podendo-se dizer, então, que há uma permanência nos tipos vegetais (ocorrência de coqueiros) e na massa vegetal encontrada.

Figuras humanas desempenhando atividades cotidianas, ligadas a igreja conventual, ou não, são encontradas na imagem seiscentista e na atual, evidenciando assim o espaço localizado em frente aos conventos – os adros – como importantes locais de reunião dos habitantes do núcleo urbano e áreas de desenvolvimento de atividades religiosas, de recreação, circulação, e até mesmo de comércio.

Assim como em outras casas conventuais, a casa franciscana de Igarassu se encontra em local de destaque na vila, localizando-se no término do que seria a principal rua e eixo de circulação do antigo núcleo urbano.

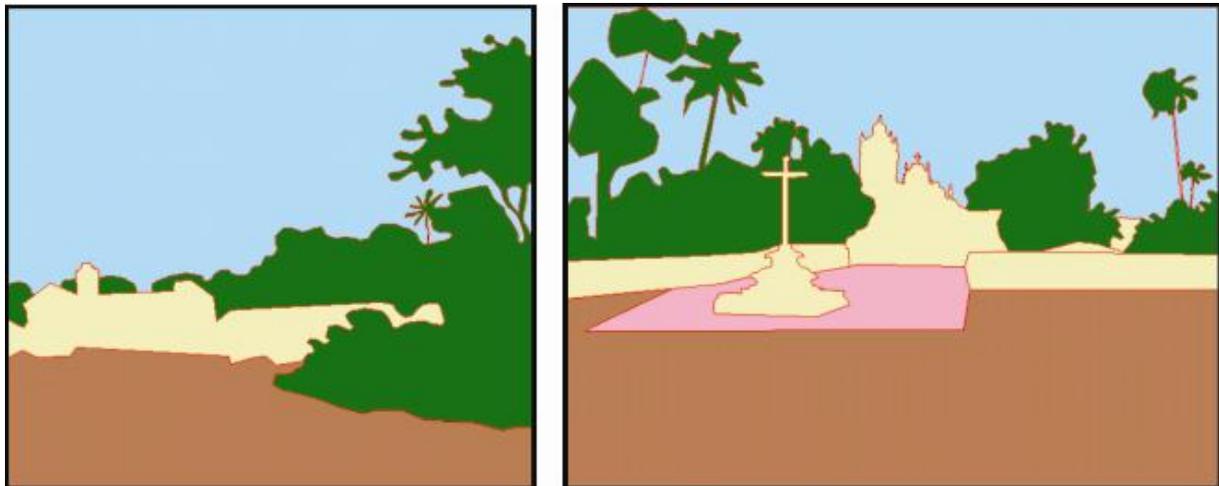


Figura 08: Representação esquemática da obra de Frans Post e da fotografia de Igarassu, respectivamente, abordadas na imagem 07, destacando as massas construídas (bege), a porção do céu (azul), o solo urbano (marrom) e a massa vegetal (verde). Observam-se certas semelhanças entre as porções descritas ao compararmos as duas imagens. Esquemas da autora, 2010.

#### IV - O TRAÇADO URBANO DA VILA DE IGARASSU

A análise das principais características da antiga Vila de São Cosme e Damião levou ao questionamento sobre o principal fator norteador do desenho do núcleo urbano. Ao que parece, é possível que o âmbito religioso tenha moldado o traçado da vila, já que vários exemplares arquitetônicos são encontrados em um espaço físico relativamente pequeno, e os mesmos representam os principais marcos urbanos de Igarassu.

Já se falou anteriormente que o marco inicial da vila de Igarassu teria sido a edificação da Igreja de São Cosme e Damião, em 1535, localizada em uma alta cota topográfica. A igreja bastante freqüentada até mesmo pelos moradores de Olinda (SALVADOR, 1982, p.115), contribuiu para o aparecimento das primeiras casas da vila que se localizavam nas suas proximidades.

A data da construção da Casa de Câmara e Cadeia é incerta, mas se supõe que a edificação da mesma tenha ocorrido não muito distante da data de fundação de Igarassu. O prédio teria se localizado nas proximidades da igreja matriz do lugar.

A construção do convento franciscano ocorreu em 1588 e seguindo uma lógica adotada nos demais exemplares nordestinos, os frades procuraram se estabelecer na proximidade do rio Igarassu, já que a pouca distância para um curso d'água era condição essencial para a manutenção das atividades cotidianas do cenóbio.

Os adros dos dois edifícios religiosos erguidos até então e a via formada entre eles formaram o principal espaço de circulação e permanência urbana da vila. Em 1594, foi construída no mesmo trecho (hipótese), um pouco depois do templo religioso inicial, a Igreja da Misericórdia restando hoje apenas as suas ruínas. Existia ainda na localidade a Igreja de Santa Cruz datada do fim do século XVI, mas não se sabe ao certo onde seria a localização da mesma.

Durante o século XVII, não ocorreram construções religiosas em Igarassu, já que em parte deste século, Pernambuco se encontrava sob o domínio dos holandeses, de religião protestante. Assim, é possível que nesse século o desenho da vila pouco tenha mudado.

As construções religiosas só foram retomadas no século XVIII com a construção da Igreja Nossa Senhora dos Homens Pretos em 1701, da capela de São Sebastião em 1735 levando a expansão da vila para o outro lado do rio, da Igreja e Convento do Sagrado Coração de Jesus em 1742 (no núcleo inicial da vila) e da Capela de Nossa Senhora do Livramento (1774).

Apesar de não ser do interesse do trabalho uma análise do espaço da vila de Igarassu no século XVIII, foi elaborado um esquema que tenta recompor os desenhos iniciais do povoamento do século XVI até o século XVIII, considerando as edificações religiosas instaladas na localidade como elemento norteador do traçado.

A imagem 09 mostra que o desenho da vila de Igarassu se comporta de maneira linear, apresentando pequenos alargamentos nos espaços que correspondem aos adros dos dois principais edifícios religiosos do local. A partir do eixo inicial, que tem como centro a Igreja de São Cosme e Damião, outras vias vão se ramificando, processo que continuou após o século XVIII com o crescimento da cidade. Porém, o eixo central e inicial pouco sofreu alteração e permanece como um traço colonial na cidade contemporânea.

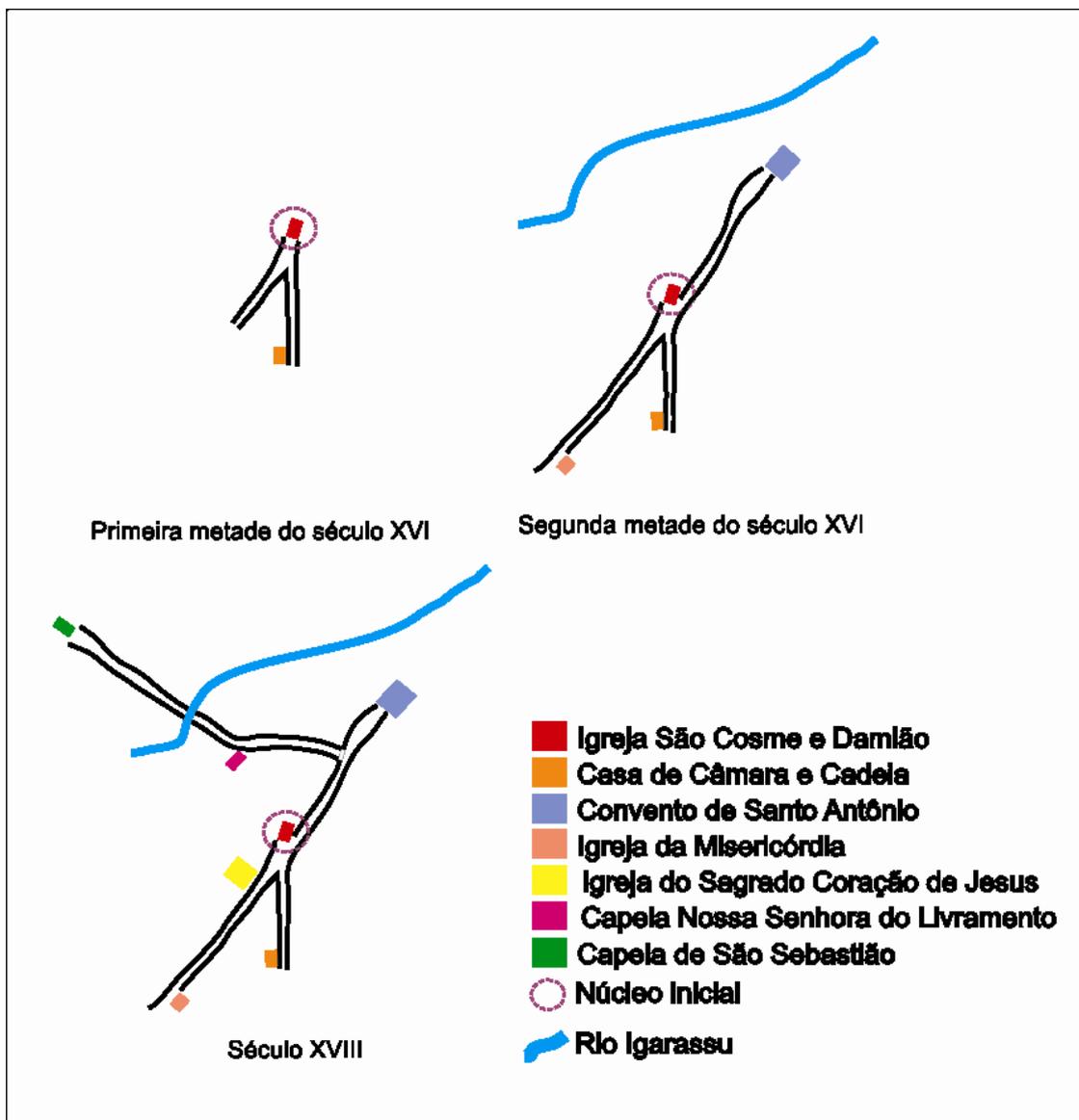


FIGURA 09: Representação esquemática do desenho da vila e Igarassu nos séculos XVI e XVIII. Esquemas da autora, 2011.

## V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Vila de Santa Cruz e dos Santos Cosme e Damião de Igarassu representa o primeiro gesto urbano pernambucano e até mesmo um dos primeiros do Brasil, refletindo aspectos inerentes do modo português de se desenhar o espaço, tendo seu traçado norteado pelos elementos naturais da colônia e pela religiosidade trazida pelo colonizador.

Igarassu é uma das poucas cidades brasileiras cujo desenho urbano e paisagem de seu núcleo inicial do século XVI ainda estão praticamente intocados, existindo permanências naturais, arquitetônicas e em

seu traço. Esta pesquisa ainda se encontra em caráter preliminar, sendo assim, continuam existindo indagações sobre os elementos norteadores do desenho urbano da vila, já que devem existir outros fatores que configuraram o espaço de Igarassu e que devem ser aprofundados.

O trabalho evoca a necessidade de se atentar para esses registros urbanos coloniais presentes no espaço citadino contemporâneo brasileiro, que muitas vezes passam despercebidos. É possível se coletar da própria cidade informações, utilizando-a como documento, que revelam a maneira de como seu desenho e espaço foram construídos.

## VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARLÊU, Gaspar (1584 – 1648). *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974.

CORRÊA DO LAGO, Bia & Pedro. *Frans Post (1612-1680): Obra completa*. Capivara Editora, 2006.

GONSALVES DE MELLO, José Antônio (org.). *Fontes para a História do Brasil Holandês. Vol. 1 – A economia açucareira*. Recife: Parque Histórico Nacional dos Guararapes, 1981.

NEVES, André Lemoine. As primeiras experiências de implantação do urbanismo e da administração portuguesa no Brasil: o caso da Vila de Igarassu, Pernambuco – 1535-1632. *Anais do II Encontro Internacional de História colonial*. Caicó, v.9, n.24, set/out. 2008.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Evolução Urbana do Brasil: 1500/1720*. São Paulo: Editora Pini, 2000.

\_\_\_\_\_. *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*. São Paulo: Edusp, 2000.

SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627. Livro Segundo da história do Brasil no tempo do seu descobrimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1982.

SANTOS, Paulo F. *Formação de Cidades no Brasil*. Coimbra: V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, 1968.